

## **Os proféticos acertos (e chutes) de Darwin**

*Coletânea ignora o lado filosófico da teoria darwiniana*

José Eli da Veiga

*EU&* - sexta, 15 de outubro de 2021, p. 30

---

***A Most Interesting Problem – What Darwin’s Descent of Man got right and wrong about human evolution.***

Jeremy M. DeSilva (ed.), com introdução de Janet Browne

Princeton University Press, 2021 – U\$ 27,95 R\$ 139,67 (Kindle)

---

Poucos se dão conta, mas foi bem provisória a publicação, em 1859, de ***A origem das espécies por meio de seleção natural ou A preservação das raças favorecidas na luta pela vida***, que muitos adoram chamar de “o grande livro de Charles Darwin”.

Tão provisória, pois, graças à mais sensata das precauções, Darwin só inseriu uma frase sobre nossa espécie. Embora tivesse os humanos como “o mais alto e o mais interessante problema para um naturalista”, não foi ingênuo sobre o risco de banimento pelos establishments anglicano e vitoriano.

Em decorrência, só se pode chegar a razoável compreensão do pensamento de Darwin integrando o que, somente doze anos depois, ele revelou sobre nós. Catatau publicado em 1871, com título menos profuso: ***The Descent of Man and Selection in Relation to Sex***. Infelizmente aportuguesado como ***A Origem do Homem e a Seleção Sexual***.

Tendo em vista que esta segunda grande obra é absolutamente indispensável para que realmente se possa entender a teoria darwiniana, a ocasião de seus 150 anos é uma excelente oportunidade de avaliação: quais foram os proféticos acertos, em meio aos muitos chutes não confirmados?

Exatamente o que levou o paleoantropólogo Jeremy M. DeSilva, do Dartmouth College, a reunir dez contribuições, de colegas de peso, revisando o conteúdo do ***The Descent***, quase capítulo por capítulo. Não tanto como celebração, mas, principalmente, como tributo ao *modus operandi* da ciência.

Na introdução, Janet Browne, professora de história da ciência em Harvard, realça que o livro de Darwin sobre a humanidade deve ser visto como “a metade faltante”, ou “ausente”, de ***A Origem das Espécies***. Porém, nem chega a mencionar que o processo civilizador se opôs à seleção natural.

Tão chocante lacuna poderia ter sido amenizada pela revisora do capítulo conclusivo, a premiada jornalista científica Ann Gibbons, principal redatora de evolução humana na revista ***Science***. Bastaria que tivesse chamado a atenção para três fortes argumentos de Darwin, resumíveis em poucas linhas.

“Na natureza humana, outros fatores superaram a luta pela existência, por mais importante que ainda o seja”. (...) “As qualidades morais avançaram muito mais devido às consequências dos hábitos, dos poderes do raciocínio, da instrução, da religião, etc., do que de efeitos da seleção natural”. (...) “Foram instintos sociais que proporcionaram o desenvolvimento moral”.

Qual será o motivo de tanta falta de atenção às passagens em que Darwin quase chega a dizer, literalmente, que, entre os humanos, a seleção natural acabou por escolher e elegeu o seu contrário? Este sim, “*a most interesting problem*”.

A belíssima coletânea montada por Jeremy DeSilva dá forte impressão de que a maioria dos pesquisadores da evolução humana são muito mais atraídos por questões empíricas. Preferem mil vezes apurar e interpretar as mais recentes evidências fósseis, do que refletir sobre a dimensão teórica do materialismo darwiniano. Daí os capítulos que arrombam portas abertas, ao ressaltarem o quanto Darwin não se despiu de racismos e machismos dominantes em sua época.

Claro, é importantíssimo denunciar os perigos de tais influências, mas também é rematado anacronismo fazê-lo em detrimento do âmago de sua ampla conjectura. Também abreviável: abundantes variações são incessantemente peneiradas pelas exigências das circunstâncias ambientais, só remanescendo, grosso modo, as adaptáveis.

O que não vale apenas para populações naturais, mas também para as instituições sociais, desde que genericamente entendidas como “regras do jogo”. Ao deixar de fora este âmago filosófico da teoria darwiniana, a coletânea lançada pela Princeton University Press também escondeu as três mais importantes diferenças entre a evolução biológica e a mudança cultural.

A mais óbvia está na enorme capacidade que tem a cultura - e que falta à natureza - para a rapidez explosiva. Num piscar de olhos geológico, a mudança cultural transformou a superfície do planeta como nenhum acontecimento da evolução natural poderia ter jamais conseguido, nas escalas darwinianas de miríades de gerações.

Em segundo lugar, a evolução natural é essencialmente um fenômeno de proliferação contínua. Quando uma espécie se separa de sua linha ancestral, isto é irreversível. As espécies não se amalgamam ou se juntam com outras. Elas interagem em imensa variedade de ecossistemas, mas não podem se juntar fisicamente em uma única linha reprodutiva.

Em terceiro lugar, os organismos não calculam o que seria melhor para eles, nem desenvolvem tais características adaptativas durante suas vidas. Só excepcionalmente transmitem eventuais aperfeiçoamentos para seus descendentes, sob a forma de uma hereditariedade alterada.

É deplorável, então, que a coletânea tenha perdido tão boa oportunidade para ajudar o materialismo darwiniano a ser melhor entendido. O que não lhe tira o grande mérito de bem aproveitar os 150 anos do *The Descent* como gancho para excelente balanço dos atuais conhecimentos paleoantropológicos.

= = =

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP: [www.zeeli.pro.br](http://www.zeeli.pro.br)